



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 15 | Nº. 28 | Jan./Jun. de 2023

**Joaquim dos Santos**

*Universidade Regional do Cariri / URCA*

joaquim.santos@urca.br

# AS VIAGENS DAS ALMAS: Narrativas de católicos da região do Cariri/CE.

---

## RESUMO

Este estudo analisa narrativas sobre viagens oníricas. Problematizando narrativas orais de idosos, católicos da região do Cariri, sul do Estado do Ceará, no Nordeste brasileiro, a pesquisa apresenta acepções sobre encontros entre vivos e mortos, no mundo terreno e no além cristão. Desenvolvido a partir da história oral, este estudo desnuda signos do tempo cristão e exemplaridades.

**Palavras-chave:** Mortos; Memória; Sonhos.

---

## ABSTRACT

This study analyzes stories about dream trips. While questioning oral narratives of elderly, Catholics people from the Cariri region, located in the south of the State of Ceará, in the Northeast of Brazil, this research presents meanings about encounters between the living and the dead, both in the earthly world and in the Christian beyond. Developed from oral history, this study exposes signs of the Christian time and exemplars.

**Keywords:** Dead; Memory; Dreams.

## Introdução

Na trama que cada história conta, a imaginação é o tapete mágico que carrega o mundo. A força da gravidade é uma ficção. O inacabado permite que as portas estejam sempre abertas e as chaves inexistentes, para que a possibilidade anuncie o inesperado (REZENDE, 2016, p. 53).

Tal qual o escrito do historiador Antônio Paulo Rezende, o inesperado invadiu minha escuta quando realizava entrevistas de história oral com idosos católicos da região do Cariri, sul do estado do Ceará, no Nordeste do Brasil. As entrevistas foram produzidas durante a pesquisa de campo para a escritura da minha tese de doutorado em História, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC), em julho de 2017.<sup>1</sup> Intitulado *A mística do tempo: narrativas sobre os mortos na região do Cariri*, o estudo problematizou as narrativas orais sobre as aparições dos mortos no mundo terreno e seus trânsitos no *além cristão*, lançando luz às crenças e sensibilidades religiosas dos narradores, bem como desnudando singularidades das acepções sobre o mundo dos mortos e suas temporalidades (SANTOS, 2017a).

Entre 2011 e 2015, produzi 30 entrevistas de história oral com os narradores, visto que a entrevista oral é uma coprodução entre entrevistadores e entrevistados (PORTELLI, 2013). Destas, 14 foram utilizadas na escrita da tese. Foram entrevistados aqueles idosos, católicos, integrantes de grupos religiosos leigos e oficiais, bem como pessoas identificadas socialmente como possuidoras de saberes e/ou forças com os poderes do além. Percorri espaços urbanos e rurais do Cariri. Conversei, principalmente, com agricultores e donas de casa, pobres, aposentados.

Na produção dos documentos da pesquisa, uma questão central norteava as conversas: como os narradores percebiam e sentiam a presença dos mortos e como estes últimos seguiam no outro mundo? Nas tessituras dos diálogos, os narradores indicaram várias experiências vividas por eles com os mortos. De igual modo, relataram casos ocorridos com outras pessoas, mas que tomaram conhecimento mediante a escuta. Nessa arte da escuta, como Alessandro Portelli (2016) define a história oral, os mortos invadiram o sono e os sonhos dos vivos.

---

<sup>1</sup> A pesquisa contou com o apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

No “tapete mágico” das narrativas há muitas formas possíveis para os encontros entre vivos e mortos. Muitas narrativas aludiram o sonho como um canal de acessos às sensibilidades religiosas e aos imaginários sociais. Através dos conteúdos manifestos, como indicam Peter Burke (2006), Jean-Claude Schmitt (2014, 1999) e María Jordán Arroyo (2011), é possível compreender a interpretação cultural dos sonhos, em determinadas culturas e contextos temporais. Pois eles assumem uma camada de significado cultural, outra pessoa e, por fim, outra universal. Aqui, cabe analisar como os entrevistados significam o sonhar com os mortos e quais os focos narrativos.

Para muitos narradores, os sonhos possibilitam os encontros através dos quais os mortos mandam mensagens, repassam ensinamentos através de signos visuais, táteis e sonoros, assumindo funcionalidades entre os vivos. Os falecidos aparecem nos sonhos, dentro e fora dos quartos, em casa e fora dela. Se em muitos casos os mortos vão ao encontro dos seus parentes, mediante a imersão nos seus sonhos, a dimensão espiritual dos vivos, por seu lado, também sai dos seus corpos adormecidos e procura seus entes queridos: são as viagens oníricas.

Nos limites textuais deste artigo, procuro analisar narrativas sobre viagens “das almas” de pessoas vivas, quando, nos sonhos, saíram dos seus corpos adormecidos e foram ao encontro com os vivos, no mundo terreno, e com os mortos, no além.

## Viagens sobre o mundo terreno

No momento em que narrava sobre a complexa relação a respeito da saída do espírito do corpo morto, Luiz André contou:

**Joaquim:** E quando o corpo morre?

**Luiz André:** Ele sai [o espírito]. Ele sai. Ele não fica. Ele sai, ele não quer. É que nem a água, a água não quer gente morto. A água mata mais joga fora. É que nem o espírito. O espírito, se acaba, também ele sai. Aí fica, aí fica. Ô eu acredito assim, quando as vezes você tá dormindo. Aí vem aquele sonho, vem aquele sonho com seu pai, com sua mãe, com seu irmão, com seu parente, qualquer parente. *Ali é seu espírito que tá visitando ele lá. Tá vendo, tá vendo como é que ele tá.* Se ele tá acordado, se ele dormindo, se ele tá doente, se ele tá vivo, porque... ô a coisa tá tão... que alma, se existisse alma (silêncio) eu já tinha visto a alma do meu pai, de minha mãe, de meu irmão, porque meu pai morava pertim deu. E eu mais esse Vidal alí nós trabalhava, nós viaja pra Juazeiro do Norte com fruto nós viajava até doze horas da noite na casa de meu pai. Meu pai já tinha morrido, meu irmão, minha mãe, e nós ficamos por conta da casa e pra madurecer banana, tu sabe como é? E nós

trabalhava até doze horas da noite [interrupção por conta do barulho de uma moto]. E muitas vezes Vidal terminava primeiro do que eu, dizia:

— Padim Luís terminou?

Eu digo:

— Não.

— Após eu já terminei, eu vou pra casa.

Ele ia pra casa e eu ficava sozinho. Num era energia, era candeeiro a gás. E eu nunca vi nem piseiro dentro de casa. É por isso que eu digo que não existe. Num existe aima. Eu nunca vi, que nem muita gente diz:

— Eu já vi umas pisadas dentro de casa.

Ó eu nunca vi. Ó minha esposa morreu, vai fazer cinco anos agora em janeiro. Dia cinco de janeiro vai completar cinco anos que ela morreu. Morreu no hospital São Vicente lá em Barbalha. E eu durmo aqui sozinho. Sozinho e Deus. Eu me levanto vou pro banheiro. Me levanto meia-noite, nunca vi pisada dentro de casa, nunca vi rebuli em prato, nunca vi rebuli em nada. Existe? Existe? Existe não homem. Existe não. Ó cinco anos não é cinco dias não.

**Joaquim:** E nos sonhos, o senhor já sonhou? Como foi?

**Luiz André:** Sonhei. Eu já sonhei. Eu tô canso de asonhar com meus irmãos, com meu fi, que eu tenho um fi que mora um no São Paulo e outro em Minas Gerais. E tem uma que mora em Olinda, que é a freira, conhece a freira Rita? Conhece?

**Joaquim:** Não me lembro agora não.

**Luiz André:** Ela teve um acidente agora em janeiro e eu assonhei. Parece que o espírito meu foi lá adonde ele tava. E eu assonhei. Quando foi no outro dia, eu digo:

— Aconteceu uma coisa, meu Deus!

Aí foi, eu fui liguei pra lá, pra ela. Ela não atendeu. Que ela trabalhava no colégio. Aí eu fui e liguei pra filha de Luciene, pra Jucinéia, sabe quem é Jucinéia? que trabalha lá, eu liguei pra Jucinéia. Aí Jucinéia foi e disse:

— Não vô, foi tia Rita que dirmintiu um pé.

Mas diz que ela quebrou um pé. Eu digo:

— Foi mesmo?

Ela disse:

— Foi.

*Olha tá vendo, meu espírito foi lá onde ela tava, ispiar como é que ela tava. E do jeito que eu assonhei, aconteceu. Aconteceu.* Outro dia eu assonhei com um menino meu que mora lá em São Paulo, eu sonhei que ele dizia assim:

— Ô pai, arranja uma meizinha pra eu, que eu tô com uma dor de cabeça, eu vivo com uma dor de cabeça, que eu vivo sem paciência.

Eu sonhei como hoje à noite, como açanoite, como hoje ele ligou.

— Pai, eu vivo com uma dor de cabeça que eu já tô sem paciência. Arranja um remédio pra'eu.

Aí conhece Gonzaga Cristove? Que é o avô desse gatorozinho [aponta para uma criança na calçada]. Eu disse:

— Seu Gonzaga, dá pro senhor rezar por meu menino, agora que ele tá em São Paulo. Ele disse:

— Rezo, rezo sim.

O velho foi e disse:

— Após me dê o retrato dele.

Eu fui e levei o retrato. Ele rezou três vezes. No dia, de manhã, meio-dia e de noite. Quando foi com três dias o menino ligou:

— Pai, fiquei bonzinho da cabeça, num senti mais nada. Eu digo:

— Olha, tá vendo.

*Por isso que eu digo: nós num tem aima. E tem. E o mais é o nosso espírito. Nosso espírito ele sai pra visitar nosso pai, nossa mãe, nosso irmão, filho.<sup>2</sup>*

Seu Luiz André, como esse narrador é conhecido, é um agricultor de 73 anos, aposentado, residente no bairro Campo Santo, na cidade de Porteiras, integrante do Terço dos Homens e da Irmandade do Santíssimo. Um ponto importante da sua narrativa consiste na tensão entre a existência da alma e/ou do espírito. E esse não é um fato isolado. Outros narradores foram enfáticos quanto à essa divergência, entretanto em alguns momentos das entrevistas tenham demonstrado adunarem numa mesma direção. Nos saberes professados oralmente, essa divisão não é rígida ou de todo realizada. Há, simultaneamente, (con)fusões e distanciamentos entre a alma, o corpo e o espírito.

É importante frisar que tal saber não está deslocado de conexões e discrepâncias entre corpo, alma e espírito, suas naturezas e singularidades. Esse é um foco narrativo apresentado pelo narrador. Ele conta com a intenção de demonstrar não acreditar na existência e aparição das almas no mundo terreno. O narrador utiliza-se de variados indícios por meio dos quais ele exemplifica essa inexistência, como é o caso do fato de o mesmo nunca ter visto ou sentido caminhadas, passos ou barulhos de pratos e/ou de outros utensílios em sua atual residência, onde morava com a esposa falecida há cerca de cinco anos. Também usa o argumento da ausência dessas aparições nos serões e nas madrugadas vividas nos espaços rurais nos quais morava e trabalhava na encosta da Chapada do Araripe, atualmente, sob a guarda de seu filho. De maneira significativa, mesmo as pessoas do seu convívio informando a existência e as manifestações das almas, ele reitera sua relutância em não acreditar.

Por isso, é possível inferir que tal distinção foi mensurada a partir da ausência de aparições perante suas sensibilidades corporais. Entretanto, em uma parte da entrevista, quase como quem duvida da própria fala, ele resolve a questão abordando que os vivos possuem alma e espírito, concomitantemente, embora a presença deste último seja maior ou mais forte do que a do primeiro. Há, assim, uma mistura. Ora, ele menciona uma visão binária, marcada pela existência apenas do corpo e espírito, ora, afirma uma acepção trinária, marcada pela coexistência do

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo. Porteiras. p.11-13. Grifo meu.

corpo, da alma e do espírito, aspectos estes mencionados por Schmitt (2014) sobre a medievalidade.

De toda forma, a existência espiritual é ratificada: as sensibilidades que lhes são atribuídas são narradas como sendo visíveis aos olhos, sejam eles aqueles do corpo ou do espírito, perceptíveis a partir das viagens oníricas.

Conforme o narrador, nessas viagens, os olhos do espírito enxergam as atividades dos vivos, seus gestos e estados de saúde. Tudo está sob o olhar da dimensão espiritual do sonhador. Assim sendo, mesmo morando distante dos seus filhos, o narrador diz viajar até eles através dos sonhos e reencontrá-los. Foi o que aconteceu com sua filha Rita, uma freira residente em Olinda/PE. Contou também com um dos seus filhos, residente em um lugar mais longe ainda, em uma cidade identificada na narrativa apenas como estando situada no estado de Minas Gerais. Nesse sentido, a distância terrestre, curta ou longa, não é um empecilho para as viagens e os consequentes encontros.

Como seu Luiz André contou, em alguns casos, tais viagens possibilitam pressagiar ou pressentir o que virá e, com isso, ajudar os vivos revisitados. Ele narrou como auxiliou seu outro filho, residente em São Paulo, mediante um presságio. Depois de ir ao encontro de seu filho, nos sonhos, o espírito de seu Luiz André viu o filho adoecer de fortes dores de cabeça. Na manhã seguinte, o narrador afirmou receber um telefonema do filho informando-lhe sobre tais dores e solicitando-lhe ajuda. O pai, então, procurou um rezador da comunidade. O velho rezador, após obter uma fotografia do doente, rezou em três momentos do dia, a saber: pela manhã, ao meio-dia, e a noite, ao que tudo indica, nas circunstâncias apontadas por muitos narradores como sendo nas horas abertas.<sup>3</sup> Passados três dias, o filho voltou a ligar para o pai, comunicando-lhe sua recuperação.

Essas experiências e narrativas colocam no cerne do debate a percepção do narrador sobre os sonhos. Quando tais viagens ocorrem, elas tornam-se auxiliares na resolução dos dilemas concretos da vida e vigília das afetividades. Assim sendo,

---

<sup>3</sup> De acordo com Cascudo (2009), *as horas abertas* são marcadas por ambivalências. Elas são quatro: meio-dia, meia-noite, anoitecer e amanhecer. Elas “correspondem às vias de acesso ao corpo humano. São horas diversas de pressão e desequilíbrio atmosférico, predispondo os estados mórbidos às modificações letais”. Entretanto, “na ambivalência natural, meio-dia e meia-noite prestam-se às rogativas benéficas, mas constituem exceção. As orações e pragas nessas horas são apelos violentos, irresistíveis, obrigando a obediência divina” (CASCUDO, 2009, p.49-50), A primeira edição desta obra foi publicada em 1968, pela edições Bloch.

são mecanismos de apoio, ajuda a outrem distante, supervisão e denotam a marca de uma presença que, de invisível, se transmuta em visível aos olhos do espírito.

Tudo isso soa na narrativa do agricultor como uma prova das viagens oníricas. Nas memórias, o contato do narrador com o sujeito visto nos sonhos comprova a existência do espírito e de sua saída do corpo, quando este dorme. Nesses termos, o tempo do sono abre a temporalidade permissiva ao encontro. E isso se fortalece de forma sobremaneira quando o conteúdo manifesto nas viagens se concretiza, como ocorreu no caso das dores de cabeça e da sua cura. Logo, se para algumas pessoas há dúvidas sobre os encontros entre vivos e mortos nas experiências oníricas, tal incerteza não permanece quando ambos, sonhador e sujeito sonhado, estão vivos, se falam, via telefonemas ou mesmo por conversas via terceiros e/ou mediadas pelos mais jovens, como o narrador exemplificou. E se essas viagens acontecem no mundo terreno, não deixam de ocorrer nos mistérios do além cristão. Quando indagado sobre os encontros com os mortos nos sonhos, seu Luiz André narrou:

**Luiz André:** Aqueles que já morreram também. Muitas vezes eu a sonho com meu pai, nós conversando. Nós conversando. Mais eu não vejo a cara dele não. Eu não vejo a cara dele não. É por isso que eu digo. *Tem certas coisas que... ó porque de tudo há. Mas negócio de aima, num acredito não.*

**Joaquim:** Como foi essa vez desse sonho que o senhor teve que o espírito foi visitar alguém que já tinha morrido?

**Luiz André:** Parece que é assim, parece que é assim: *que a gente vai dormir naquela sentido daquela pessoa né.* Aí o espírito diz:

— Apos ai eu vou, eu vou visitar lá ele onde ele estiver.

Ou lá ou Céu ou alí no Cemitério. Eu num sei. Eu sei que o caba sonha com a pessoa. Eu já sonhei com Zé, meu irmão. Num foi uma vez e nem duas. Nós lançando o gado, derrubando o gado, andando, luitando, trabalhando. Aí quando é no outro dia eu digo:

— Oxi, meu Deus, será se foi meu espírito que foi lá onde tava zé?

**Joaquim:** E ele tava vivo?

**Luiz André:** Não, morreu. Tá com doze anos que ele morreu. É por isso que eu digo. O que nós tem é o espírito. A nossa voz, o nosso folego, é o espírito. Quando sai, vai subindo. Repare que quando uma pessoa... você já viu uma pessoa morrer?

**Joaquim:** Não.

**Luiz André:** Nunca viu? Pois é. O folego vai subindo, subindo, subindo, subindo, subindo, até quando dá derradeiro suspiro. Quando der o derradeiro suspiro aí o espírito sai. Vai começando de pouco, subindo, subindo, subindo, subindo, até o derradeiro assopro [gesticula com as mãos, indicando que o espírito vai subindo pelo corpo e sai pela boca]. É pela boca. É pela boca.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Luiz André Tavares, em 28/04/2015, na sua residência, Bairro Campo Santo. Porteiras. p.11-13. Grifo meu.

No caso das viagens até os mortos, seu Luiz André lembra que independente da dimensão na qual o falecido esteja, seja na cartografia do além cristão, seja no cemitério, ou em noutros espaços terrenos, o encontro acontece, como se não houvesse barreira entre os dois mundos que o impedisse.

Num primeiro olhar, o local retratado no encontro e no tempo oníricos não parece ser uma questão relevante nas memórias, pois outros signos narrados ocupam um lugar de destaque na narrativa.

Seu Luiz André narrou quando os olhos do seu espírito, durante algumas viagens, avistaram seu irmão morto. Falecido há cerca de 12 anos, o tempo não foi um empecilho para avistá-lo. De igual modo, o local onde se viram não parece representar dificuldade. Ao contrário disso, eles se viram nas horas de labuta. Esse sonho que arrebenta o passado e o presente desperta as memórias sobre o tempo no qual ambos estavam vivos no mundo rural em que trabalhavam e viviam irmanados.

Nessa tessitura mnemônica, as ausências nas narrativas também são significativas (PORTELLI, 2013). A presença ou a interferência de Jesus Cristo e/ou de outras criaturas, entidades, santos ou sujeitos intermediários não foi mencionada nessa narrativa. Isso lembra como o sonho possibilita o contato direto entre os vivos e os mortos sem a necessidade da mediação e/ou intervenção de terceiros (SANTOS, 2017b). O sonhador, em alguns casos, é o ser responsável pela viagem e pelo consequente encontro, uma vez que ele pode colaborar para que isso aconteça. Como o agricultor frisou, pensar no morto, lembrá-lo antes de ir dormir, pode despertar a voz do espírito, e este ir ao encontro do ser evocado nas lembranças. Desse modo, há um reconhecimento do sujeito, de sua autonomia e, outrossim, a prerrogativa segundo a qual o sonho liberta uma alusão aos aspectos do mundo contemporâneo, marcado, também, pelo reconhecimento do indivíduo.

No meu entendimento, essas memórias evidenciam continuidades de tradições antiguíssimas tocantes à dissociação e o liame da alma com o corpo, neste caso, marcados pela saída da alma da corporeidade do vivo e, seu posterior retorno, a exemplo das crenças analisadas por Carlos Ginzburg (2010) referentes a uma comunidade camponesa italiana – friulana – entre o final do século XVI e no delinear do XVII.<sup>5</sup> De igual modo, as memórias elucidam processos de hibridismos que

---

<sup>5</sup> Ginzburg (2010) problematizou como as crenças e atitudes religiosas tocantes aos cultos agrários e de fertilidade dos campos foram associados à bruxaria. Naquelas crenças, há narrativas sobre os espíritos saindo dos corpos dos vivos enquanto estes dormiam e indo ao encontro de outros, e, em seguida, retornando para seus corpos.



enxertaram, inclusive, símbolos e referências culturais da contemporaneidade, como é o caso do uso das fotografias que ajudam pessoas doentes, cujas moléstias são percebidas através das viagens oníricas.

As memórias de seu Luiz André não dão ênfase aos perigos da separação entre as esferas corporal e espiritual. Este aspecto foi silenciado. Diferente das tradições registradas por Ginzburg (2010) e por outros pesquisadores sobre os costumes, quando tal dissociação possui a possibilidade de provocar danos ao sonhador, inclusive a morte, caso o espírito não retorne para o corpo, o caso narrado por Luiz André parece dizer que hoje, eles podem desejar e ir ao encontro afetivo com seus entes queridos vivos e mortos sem preocupação. Ele insinua que, basta pensar em reencontrar os afetos, que o espírito se responsabiliza de encontrá-lo, mesmo diante das distâncias terrenas e dos mistérios sobre os caminhos do além. Na sua narrativa, isso descambou no terreno da normalidade, daquilo que é possível, visível e dizível.

Na contemporaneidade, outras viagens, todavia, acontecem sem que os sonhadores desejem, esperem ou pensem nos mortos revistos e nos espaços para os quais a travessia os leva.

## Viagens ao além

O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é *imagem*, mas *imaginário*. O valor de uma imagem mede-se pela extensão de sua auréola *imaginária*. Graças ao *imaginário*, a imaginação é essencialmente *aberta*, *evasiva*. É ela, no psiquismo humano, a própria experiência da abertura, a própria experiência da novidade (BACHELARD, 2001, p.1.).

No mundo imaginado (e, por isso, real) dos narradores, há aberturas oníricas inesperadas, caminhos palmilhados sem serem desejados, imagens dos outros que refletem suas próprias aspirações, anseios e imagens expostas ao devir. Há, também, novidades que, por outrora já terem sido vividas e narradas por outrem, deixam de ser novidades individuais e ganham enredos dinâmicos nas tradições orais.

Alguns fragmentos da narrativa de Maria José evidenciam experiências marcadas como aberturas indesejadas, estando à luz do imaginário e nas malhas da imaginação. Devota e romeira do Pe. Cícero Romão, Maria do Horto, como é conhecida, mudou-se para a cidade de Juazeiro do Norte, em 1987. Na atualidade, ela elabora benditos, canta e faz apresentações culturais. No nosso encontro dialógico ocorrido em 2015, quando ela tinha 72 anos, Maria do Horto apresentou uma viagem

que realizou durante um sono. Naquela abertura para o novo, ela se deparou com uma experiência no pretérito já narrada por outros: foi ao Inferno e conseguiu voltar para contar:

**Maria do Horto:** Eu já fui no inferno em sonho.

**Joaquim:** Como foi essa história?

**Maria do Horto:** Foi assim a gente...

Eu vinha do Franciscano. Ainda hoje tenho essa roupa, vinha dos Franciscanos com a chave na mão. Então entrou um moço que estava com uma perua branca ali na linha do trem, mas ele o paletó tão alvinho e eu vi a calça azul, a calça azul, tão azulzinha e ele branco, acho que é alma, né? A barbinha preta, nisso eu entrei na perua, descí numa entrada que era feira em São Paulo, disse que é de São Paulo né. Isso todo mundo vendendo. E meu padrinho já disse que feira dia de domingo não presta, por pouco, parece que eu tô vendo! Uma estrada larga, dois bicho de fogo passando uma alma numa prensa, onde moi cana, longe! Parece que eu tô vendo. Longe, também eu distraída. Aquela estrada larga e com pouco tanto do menino, tanto do menino! Num tem esses bonés que o povo anda, mas preto, preto, preto, preto. Foi aí que a alma disse:

— Aqui é o inferno, aqui é o inferno!

Nisso esses motoristas de táxi, essas moto tudo batendo uma na outra, tudo tão preto menino que ninguém conhece, né? Com pouco vem um trator cheio de fogo com uma ruma de Cão lá em cima cheio de ponta. Eu dizia:

— Valei-me Nossa Senhora!

Aí voltava, que quando eu me lembrei do Ofício que eu disse:

— Deus nos salve.

Relógio. Foi um papoco tão grande e eu me acordei e estava subindo no Horto, tá compreendendo? Num tinha essas escadas não, você não conheceu a estradinha, mas aqui é o caminho do Céu, tá compreendendo? O meu padrinho disse que o Inferno fica... Eu não sei se eu tinha dito, povo gosta de chamar nome e num pode, né? Tá compreendendo? Eu vi uma... Ali na frente estava uma ruma de gente comprando ali na feira, na feira comprando e eu vi uma mulher que ela mora ali no subir do coisa, eu digo:

— Dona Maria e eu vi a senhora lá também! [risos].

Mas, não é? nada, escute! Eu ainda hoje tenho essa roupa. É triste menino, é triste, é triste viu. Não, porque a mulher estava, bichinha, tem um Inferno mesmo, foi Nossa Senhora no Cordão, tem um coisa de fogo do lado do rio, é triste né não? Um coisa balançando em sonho. Quem vai em sonho disse que não vai mais.<sup>6</sup>

O sonho ocorreu no Juazeiro e apresentou um dos momentos nos quais a narradora andava distraída nas ruas dos Franciscanos, bairro no qual está situada a Igreja do mesmo nome. Durante o percurso, Maria do Horto viu um moço de paletó branco e calça azulada, dirigindo uma “perua”, termo este usado para referir-se aos transportes coletivos também identificados na região como Topiques e Vans. Só depois do ocorrido, ela identificou que o motorista da perua era uma alma de bigode, que a enganou e a levou aos tormentos infernais. Aqui, vale lembrar um detalhe importante: a origem do sonho.

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 25-26.

Maria Arroyo (2011) lembra como a origem dos sonhos foi uma questão recorrente e importante na teologia cristã difundida na renascença e nas lides do imaginário paulatinamente difundido no Novo Mundo. Na linha desse esforço interpretativo, Arroyo enfatiza como tal teologia cristã herdada da Idade Média apresentou uma tipologia dos sonhos, classificada em três ordens. Tal classificação compreendia: 1. a causa interna, explicada a partir do *plano humano*, mental e biológico; 2. *O sonho teológico*, instrumento de uma revelação divina e 3. *Protagonismo demoníaco*, terreno onírico urdido pelo Demônio. Mesmo não sendo dito abertamente na narrativa de Maria de Horto, o fato de que aquele ser a levou àquela dimensão sem o seu consentimento é um indício da origem demoníaca do sonho.

Ao entrar no carro, a entrevistada foi levada numa estrada até uma feira de rua caótica, que parecia experiências urbanas de São Paulo. É imprescindível ter presente que, em vida, ela já viajou a passeio àquela cidade.<sup>7</sup> No sonho, durante o trajeto que a levou ao Inferno, Maria de Horto viu uma longa e larga estrada. Ao chegar e descer do transporte, viu passar duas criaturas cobertas por fogo e maltratando uma alma condicionada numa prensa de moer cana de açúcar;<sup>8</sup> Viu, também, muitas crianças do sexo masculino correrem, todas com bonés pretos. Foi naquele instante que uma alma a informou onde ela estava.

Imediatamente, Maria do Horto mirou as almas, não conseguindo identificá-las, pois estavam indecifráveis, muito pretas em virtude dos tormentos e sofreres nas labaredas infernais. Lá, a entrevistada se deparou com taxistas e moto-taxistas pretos se chocando uns com os outros: um cenário marcado por muitos acidentes automotores. Em certo sentido, creio tratar-se de uma metáfora visual reflexiva às próprias dificuldades encontradas no dia a dia cidadão. Na atual cidade de Juazeiro do Norte, Dona Maria do Horto palmilha muitas ruas na resolução das suas questões cotidianas e nas práticas de devoção. Ela diz se recusar a fazer uso de taxi, tops e de moto-taxis, em virtude da alta velocidade destes, dos acidentes rotineiros e do

---

<sup>7</sup> Num conhecido site de compartilhamento de vídeos na internet, há variadas gravações das apresentações de Dona Maria do Horto em várias partes do Brasil (entre 2007 e 2009), realizadas a partir do financiamento de um programa cultural de um reconhecido banco operante no país. Além destes, e neste mesmo site, há um canal a ela dedicado. Ver: [https://www.youtube.com/channel/UCbm19oqdmML\\_5AagOmlWmkg](https://www.youtube.com/channel/UCbm19oqdmML_5AagOmlWmkg). Acesso em: 25/08/2016.

<sup>8</sup> É necessário compreender que os usos de prensas de moer e da cana de açúcar possuem presença na memória do Cariri. Uma obra que discute esse assunto é Figueiredo Filho (2010). Ainda hoje há, nas ruas das cidades do Cariri, pessoas vendendo garapa da cana de açúcar. Nas esquinas, feiras e em variados outros espaços, pequenas moendas improvisadas produzem o líquido aos olhos dos compradores.

trânsito desorganizado da cidade, bem como tem receio de que os sujeitos guiadores destes sejam representantes do maligno. Nesses termos, os desafios enfrentados no cotidiano citadino são também projetados como formas de sofreres no Inferno. E se o sonho pode ser um canal para viajar até lá, o mundo real pode esconder certas presenças indesejadas, com poderes para realizar tais percursos, mesmo os sujeitos estando acordados e dirigindo na cidade.<sup>9</sup>

Além de tudo isso, naquela viagem onírica, Dona Maria do Horto viu uma cena impressionante: um trator de fogo levando muitos diabos, todos com chifres assustadores. O susto ao ver tais criaturas de chifres, e a certeza de estar dentro do Inferno, após vê-los, fizeram-na lembrar de rogar à Nossa Senhora. Essa memória a livrou das danações infernais. Quando recordou da oração do Ofício e gritou por sua intercessão, uma explosão ocorreu. Conforme a narrativa, parece que um relógio disparou despertando-a daquele sono e, conseqüentemente, retirando-a dos labores do Inferno. Ao retornar e olhar para seu contorno, Dona Maria se viu subindo a ladeira do Horto. Assim, Juazeiro é caminho do Céu, como ela menciona, mas também parece não ficar distante do Inferno.

No meu entendimento, a narrativa está atrelada a algumas lições do tempo, visto que as viagens oníricas ao além também apresentam ensinamentos, funções e revelações, a exemplo do que Schmitt (1999) perscrutou. A primeira delas toca o mote da narratividade: a feira no dia de domingo. Segundo a entrevistada, o Pe. Cícero teria dito variadas vezes que as pessoas não fossem e/ou nem fizessem feira naquele dia da semana. Na ordem do calendário cristão, esse dia é dedicado ao descanso, visto que fora o momento no qual Deus, após a criação do mundo, descansou. Nesses termos, ele carrega uma origem ou datação mítica. E como o Todo Poderoso fez, seu rebanho deve seguir a ordem do tempo: deixar o domingo para o descanso e oração e, portanto, não trabalhar.

Destarte, a narrativa apresenta uma lição do tempo cristão e elucida uma exemplaridade. Naquela viagem, Maria do Horto reconheceu uma mulher que sofria duras penas naquela dimensão. Ao retornar, viu a mesma fazendo compras na feira

---

<sup>9</sup> Acidentes rotineiros, atropelamentos de pedestres, motociclistas e ciclistas, discussões entre motoristas e até assassinatos provocados a partir dessas tensões ganham matérias nos jornais e sites que versam sobre o trânsito na atual cidade de Juazeiro do Norte. Sobre um recente assassinato, ver: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/01/subtenente-e-morto-apos-discussao-de-transito-em-juazeiro-do-norte.html>. Acesso em: 27 de jul. de 2016.

do domingo. E, como se não bastasse vê-la, foi necessário dizer e avisá-la daquele perigo.

Dois outros detalhes na narratividade de Maria do Horto requerem atenção. Primeiro, ela afirma: “parece que estou vendo”, por duas vezes. Tal expressão, muito recorrente no Cariri, elucida a vivacidade da memória, como se falar sobre o assunto representasse reviver a situação, torna-a próxima do tempo da narração. Narrar, também significa avivar a memória da experiência vivida e dita, e ressignificá-la, presentificando o vivido (PORTELLI, 2013; SANTOS, 2017b). Simultaneamente, a expressão carrega formas de dizer aquilo que o ouvinte não acredita, visto que, para algumas pessoas, é necessário ver para crer. Assim, as sensibilidades do ver e do escutar se relacionam na memória. E falar também faz ver.

E aí está o segundo aspecto: É necessário ver. E ela pode fazer isso. No início e no fim da fala, Maria do Horto demonstra que ainda guarda a roupa com a qual foi ao Inferno. O tecido está lá, com ela, guardado, como garantia do ocorrido. Foi o que deu para trazer daquela viagem ao mundo desenfreado, queimado e alucinado. Dessa forma, para ela, foi possível ir e voltar, e guardar o tecido, usando-o para provar a todos como sua narrativa é verídica. Tal pano a faz lembrar e evidenciar a vivência da experiência.

Se Maria do Horto foi ao Inferno, voltou e resolveu contar para as pessoas, isso indica mais elementos fecundos da narrativa. A entrevistada lembra a mensagem segundo a qual quem vai ao Inferno em experiências oníricas não necessita voltar para lá. Tal saber indica uma acepção na qual a própria narradora já sabe que não mais irá para aquela dimensão. Ela viveu a bondade do tempo, pois foi e voltou em vida. Todavia, outros foram para não voltar e, por conseguinte, não puderam a história contar. Nesses termos, ela ganha um lugar de distinção social. E não tem receio de dizer e redizer sua viagem àquele mundo perturbador.

Soando como à guisa de conclusão, já no final da entrevista, entretanto, Maria do Horto reforçou que ela não foi a única a viajar para aquela dimensão infernal em um sonho. Em um lugar distante, no seu torrão natal, outro sujeito também já o fizera. Nos delineios finais da gravação, ela contou:

Olhe, lá no meu lugar um senhor foi no Inferno em sonho, claro que foi a primeira pessoa [tosse] aí faz a, ele estava morto, mas quando ele foi ele foi em sonho que quando ele chegou fizeram mortalha, fizeram tudo né? Que quando dá vinte e quatro horas, essa doença, a cólera, porque esse cólera, essa doença antes disso a pessoa não pode enterrar depois das vinte e

quatro horas, que tá vivo. Quem ele se revoltou: um touro assombrado, primeiro que ele entrou...

— Eu fui no Inferno, eu vi você, a primeira que tá lá no Inferno costurando.

[...] Marchante que num pesa a carne direito. Vinha um compadre vendia camarão, vendia nuns litrinhos. Disse que é bom, é bom que a pessoa sabe se [...] os filhos dele ainda tá lá. Aí você sabe que quando ele levantou que tem essas tabocas no quintal, olha no quintal dele ele queimou as tabocas tudinho e se mudou e a mulher não costurou mais nunca. Se você pensar muito...<sup>10</sup>

Um homem atingido pelo cólera é sujeito da narrativa. Depois do infortúnio, ele foi considerado como morto. Os vivos já haviam preparado sua mortalha e os detalhes para o rito do enterramento. Todavia, segundo a narrativa, era necessário esperar 24 horas para realizá-lo, pois a doença mencionada, às vezes, engana os vivos, deixando-os como se estivessem mortos. Antes do tempo do sepultamento, o homem ressurgiu perturbado. Ele contou ter ido ao Inferno e encontrado pessoas conhecidas por lá, como um “marchante” – termo comumente pronunciado no Cariri para designar pessoa que compra e vende carne bovina, açougueiro – e um compadre vendedor. O encontro entre o sonhador e esses mortos colocou em cena a lição da honestidade.

“Se você pensar muito”, pode perceber que um marchante que não pesa a carne corretamente durante a venda é desonesto com o comprador. Logo, ele poderá ficar nervoso como um touro assombrado quando for ao Inferno ou quando ele voltar de lá, se isso ocorrer. “Se você pensar muito”, poderá entender que um vendedor que engana seus clientes repassando-lhes poucos produtos como se fossem muitos pode perder toda a plantação do seu quintal, e, conseqüentemente, perder tudo o que possui. “Se você pensar muito”, lembrará que poderá ir ao Inferno para não mais voltar. Seguindo a direção desses termos e tempos exemplares, é necessário, para o cristão do século XXI, “pensar muito” para não cometer os pecados capitais, como é o caso da cobiça e, com isso, não ser desonesto com os outros.

## Considerações finais

---

<sup>10</sup> Entrevista realizada com Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte. p. 26-27. Creio que a narradora se referiu a uma experiência vivida no estado do Sergipe. Mas, o cólera não deixou de levar a vida dos caririenses. Sobre esse assunto, a dissertação do historiador Jucieldo Alexandre é uma leitura indispensável (ALEXANDRE, 2010).

A partir do que foi apresentado, é possível apontar como as viagens oníricas colocam em cena a continuidade, na contemporaneidade, de crenças antigüíssimas, marcadas por diferentes estratos do tempo e processos de hibridismos culturais.

Na tensão existente entre a existência binária e/ou trinária entre o espírito, a alma e o corpo foram emanados nas narrativas, revelando tensões e (con)fusões na memória e nos processos históricos que compuseram essa definição, como Schmitt (2014) descortinou. Nas viagens oníricas, os olhos da alma e/ou do espírito tornam os encontros entre os vivos distantes no mundo terreno possíveis, assumindo funcionalidades no cotidiano, bem como reforçando os sentimentos entre eles. Para aqueles olhos que tudo vêem, não há distâncias ou empecilhos físicos que impeçam o contato direto entre os sujeitos.

Do mesmo modo, as viagens oníricas possibilitam os encontros entre os vivos e os mortos. Nas narrativas, o pensamento é o caminho através do qual os vivos conduzem o encontro onírico com seus mortos. Assim, eles são sujeitos ativos nos reencontros durante seus sonhos. E se essas viagens ocorrem no mundo terreno, elas também adentram o além cristão. E a ida e vinda à dimensão do Inferno cristão foi narrada, elucidando ensinamentos e exemplaridades da ordem cristã do tempo. Os pensares e as sensibilidades dos narradores tornam essas experiências possíveis, visíveis e dizíveis.

## Referências bibliográficas

ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira. **Quando o “anjo do extermínio” se aproxima de nós**: Representações sobre o cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864). Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ARROYO, María V. Jordán. **Sonhar a história**: risco, criatividade e religião nas profecias de Lucrécia de León. Bauru, SP: EDUSC, 2011.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução Antônio de Pádua Danese. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BURKE, Peter. **Varietades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Coisas que o povo diz**. 2 ed. São Paulo: Global, 2009.

FIGUEIREDO FILHO, J. **Engenhos de rapadura no Cariri**. Coedição SECULT; Crato: Edições URCA; Fortaleza: Edições UFC, 2010. (Fac-símile da edição de 1958).

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI-XVII. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PORTELLI, Alessandro. **A história oral como a arte da escuta**. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios**: Ética, memória e acontecimento na História oral. Tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013.

REZENDE, Antônio Paulo. O espelho inquieto da contemporaneidade. In: MENESES, Sônia; SANTOS, Cícero Joaquim dos (Orgs.). **História e contemporaneidades**. Curitiba: CRV, 2016.

ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções**: problemas e métodos. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **A mística do tempo**: narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE. Tese (Doutorado em História Social) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Quando os mortos invadem os sonhos dos vivos: história e contemporaneidades. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**. Rio de Janeiro, v.2, n.4, p.438-455, jul./dez.2017.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo**: ensaios de antropologia medieval. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCHMITT, Jean-Claude **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

---

**Joaquim dos Santos**

Universidade Regional do Cariri (URCA). Pós-doutor em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/URCA) e do Mestrado Profissional em Educação (MPEDU/URCA).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4970627821671141>

---

**Artigo recebido em:** 02 de março de 2023.

**Artigo aprovado em:** 02 de junho de 2023.